

PROPOSTA DIALÓGICA DE ENSINO DOS ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS A PARTIR DAS PRODUÇÕES TEXTUAIS DE ALUNOS

Profa. Msnda. Ênia Ramalho dos Santos

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
enia.ramalho@hotmail.com*

Profa. Dra. Risoleide Rosa Freire de Oliveira

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
risoleiderosa@gmail.com*

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar em textos produzidos por alunos do 7º ano do ensino fundamental de uma escola pública os aspectos morfofossintáticos, a fim de propor ações, em sala de aula, que viabilizem o ensino desses aspectos, de modo contextualizado e eficaz para a aprendizagem. Para tanto, discorre-se acerca das concepções de gramática incutidas no ensino de Língua Portuguesa, que, por vezes, limitam o ensino à abordagem de nomenclaturas, mediante frases isoladas de um contexto, e sugere-se um trabalho que contemple a abordagem desses aspectos por meio de textos produzidos pelos próprios alunos, que apresentem possíveis inadequações, para que o aluno reflita e revise seu próprio texto. Para esta proposta, o presente trabalho subsidia-se na abordagem dialógica, que toma como ponto de partida as situações reais de produção textual. Para tanto, tomamos como aporte teórico alguns estudiosos, dentre outros, como Franchi (2006), Possenti (2011), Antunes (2003) e (2009).

Palavras-chave: Ensino. Aspectos morfofossintáticos. Produção textual discente.

Introdução

O ensino de Língua Portuguesa tem suscitado muitas discussões no meio acadêmico e escolar nas últimas décadas. Esses debates envolvem, sobretudo, o ensino-aprendizagem da gramática, devido ao grande desafio imposto aos professores em relação ao porquê e como ensinar gramática na escola. Cogitava-se até a possibilidade de não se ensinar gramática na escola. Todavia, esse ensino não pode ser negado, mas executado de modo pleno e eficaz, tomando como ponto de partida situações reais de comunicação.

Nas aulas de Língua Portuguesa, é comum os professores tenderem a um estudo sistematizado da gramática demasiado restrito ao apego às nomenclaturas,

classificações de classes de palavras e análise morfosintática mediante o uso de frases isoladas, que não correspondem a situações reais do emprego da linguagem. Isso se dá devido à concepção inculcada no ensino de Língua Portuguesa que cada professor possui.

Nesse contexto, Franchi (1987, p.16) aponta uma concepção de gramática que está intimamente relacionada com a prática recorrente em sala de aula, qual seja, a de que gramática “é o conjunto de normas para bem falar e escrever estabelecidas pelos especialistas, com base no uso da língua consagrado pelos bons escritores”.

Com base nessa concepção, a escola tem se preocupado em transmitir ao aluno esse conjunto de regras como um depósito de informações a serem decoradas, o que dificulta a aprendizagem do estudante. Por isso, o ato de ensinar gramática se constitui em uma tarefa árdua, sobretudo quando se trata da morfosintaxe.

Por essa razão, o ensino de Língua Portuguesa precisa ir muito além da simples classificação e reconhecimento das classes gramaticais e suas funções morfosintáticas. Dessa forma, propõe-se que o ensino volte-se para o desenvolvimento das habilidades de compreensão e domínio das formas de uso da língua a fim de que os alunos consigam ler/escrever/falar bem.

Sob essa perspectiva, concordamos com a afirmação de que “a pesquisa acerca do que se faz nas aulas de línguas [...] tem revelado que ainda prevalece [...] uma concepção de língua demasiado estática (sem mudanças), demasiado simplificada e reduzida [...], descontextualizada e, portanto, falseada” (ANTUNES, 2009, p. 34).

Ainda segundo Antunes (2009, p. 34), esse tipo de ensino implica perdas e reduções na aprendizagem do aluno tais como “o declínio da fluência verbal, da compreensão e elaboração de textos mais complexos formais, da capacidade de leitura da linguagem simbólica”, entre outras.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), “o estudo gramatical aparece nos planos curriculares de português desde as séries iniciais, sem que os alunos, até as séries de Ensino Médio, dominem a nomenclatura”. Ainda questionam:

Estaria a falha nos alunos? Será que a gramática que se ensina faz sentido para aqueles que sabem gramática porque são falantes nativos? A confusão entre norma e gramaticalidade é o grande problema da gramática ensinada na escola. O que deveria ser um exercício para falar/escrever/ler melhor se transforma em uma camisa de força incompreensível (BRASIL, 1998, p. 16).

Diante disso, cabe repensarmos como o ensino dos aspectos gramaticais está sendo visto pelo professor de Língua Portuguesa nos dias de hoje, perante essas discussões. Neste artigo, discutiremos acerca de uma das maiores dificuldades que são impostas ao professor de Língua Portuguesa: como trabalhar os aspectos morfossintáticos no ensino fundamental? As autoras Rocha e Oliveira (2010, p. 2864) fazem a seguinte afirmação:

Muitos estudiosos de todo o país vêm desenvolvendo diferentes abordagens ao se trabalhar a morfossintaxe – ora percebemos uma abordagem de cunho mais tradicional, ora percebemos um enfoque mais funcional. Diversas publicações e a experiência como lecionar apontam para o fato de que o estudo/ensino relacionado à gramática tem causado muita angústia em professores dos ensinos fundamental, médio e superior. Parece sempre haver uma dúvida que gira em torno do ensinar ou não gramática; do como ensinar; do por que ensinar.

Assim, partindo dessa perspectiva, este trabalho se justifica por ser uma tentativa de apresentar um modelo de abordagem de como se trabalhar a morfossintaxe em uma sala de aula, de modo que as análises tenham como ponto de partida os possíveis equívocos dos textos dos alunos, e que eles mesmos possam desenvolver a autonomia de revisarem seus próprios textos, em uma visão dialógica da linguagem. O trabalho foi realizado com alunos do 7º ano, turno vespertino, de uma escola municipal de ensino infantil e fundamental localizada em São Bento/PB, e tem como escopo analisar, por meio de suas produções textuais, os aspectos morfossintáticos, a fim de sugerir ações, em sala de aula, que viabilizem o ensino desses aspectos, de modo contextualizado e eficaz para a aprendizagem.

A morfossintaxe e a tradição gramatical

A morfossintaxe diz respeito à parte do ensino da gramática que visa a analisar os aspectos morfológicos relativamente à sua função sintática. Dedicar tempo para o ensino desses aspectos requer um cuidadoso trabalho investigativo e metodológico do professor, cujo objetivo seja desenvolver a interação socioverbal de maneira eficaz e não cair no velho modelo analítico e isolado desse ensino.

As estudiosas Rocha e Oliveira (2010, p. 2865) acreditam que “a morfossintaxe deve ser tratada observando a variação que existe no funcionamento discursivo dos elementos analisados, partindo do inter-relacionamento que há entre os componentes sintáticos, semânticos e pragmáticos”.

Fica evidente que para se trabalhar com os aspectos morfossintáticos é necessário partir de um contexto de comunicação socialmente inserido. Entretanto, não podemos fugir das nomenclaturas e das definições, haja vista que o conhecimento desses elementos é parte indispensável para a aprendizagem do aluno.

Por essa razão, acreditamos que o estudo dos aspectos morfológicos precisam preceder os estudos sintáticos para, assim, fazermos um trabalho que inclua os dois elementos, neste caso, a morfossintaxe.

É importante que o estudante possua já um nível de conhecimento das classes gramaticais. Sobre isso, Kleiman e Sepulveda afirmam:

A criança em idade escolar já conhece intuitivamente tanto os aspectos nocionais como os aspectos formais das classes de palavras. O professor ensina a objetivar essa categoria que está dentro dela porque faz parte de seu conhecimento, a levá-la para fora de si e a identificá-la para poder refletir sobre ela e sua função na frase. (2014, p.17)

Por esse motivo, escolhemos como público-alvo para a realização deste trabalho alunos de uma turma de 7º ano, pois se supõe que nessa fase escolar o estudante já possui o conhecimento dessas nomenclaturas e desses aspectos gramaticais.

O livro didático e as gramáticas são também ferramentas importantes para o reconhecimento dessas classes. Todavia, percebemos que as abordagens dos livros e

dessas gramáticas são, em sua maioria, puramente descritivas, levando os alunos a uma simples memorização, sem compreender exatamente para que estão aprendendo aquilo. É necessário, portanto, que o professor, no trabalho com o ensino da língua, tenha clareza da diferença entre uma perspectiva descritiva e uma perspectiva dialógica, mais funcional.

Perini (1995, p.48) mostra a distinção entre classe e função, de forma clara, concluindo que: "A classificação das palavras é apenas um caso particular da classificação das formas sintáticas, e desprezar esse fato equivale a deixar de exprimir muitas generalizações importantes sobre a estrutura da língua".

As gramáticas tradicionais possuem em sua estrutura composicional uma divisão bastante clara, que separa os segmentos por capítulos, sendo distribuídos categoricamente em: fonética e fonologia, lexicologia, morfologia, sintaxe, semântica e estilística. Os livros didáticos, por sua vez, reproduzem o mesmo padrão apresentado pelas gramáticas. Entretanto, já existe um esforço de muitos linguistas que dispõem de estudos gramaticais de modo mais reflexivo. A seguir, apresentaremos para análise uma proposta de abordagem do tema morfossintaxe sugerida por Cereja e Magalhães (2011, p. 223).

CAPÍTULO 17
O modelo morfossintático – o sujeito e o predicado

Morfossintaxe: a seleção e a combinação de palavras

Leia esta tira, de Fernando Gonsales:

(Tudo no chinês. São Paulo: Devi, 2006. p. 23.)

- No 2º quadrinho da tira, foi empregado o advérbio *laçamente*.
 - Que tipo de circunstância esse advérbio expressa? *modo*
 - Identifique o sufixo desse advérbio e empregue-o na formação de outras palavras.
 - A partir do radical desse advérbio, forme uma família de palavras. *laço(a), laçoante(a), laçosa, laçoado, laçoado(a)*
- A tira estabelece uma relação intertextual com outro texto. Qual é esse texto?
A parábola "Um milionário incomoda muita gente, dois milionários incomodam muito mais" e assim por diante.
- Na anedota a seguir, foram propositalmente suprimidas duas palavras. Leia-a.

O prefeito foi visitar o manicômio da cidade. Chegando à biblioteca, vê um homem pendurado no teto, de cabeça para baixo. Preocupado, diz à bibliotecária do hospício:

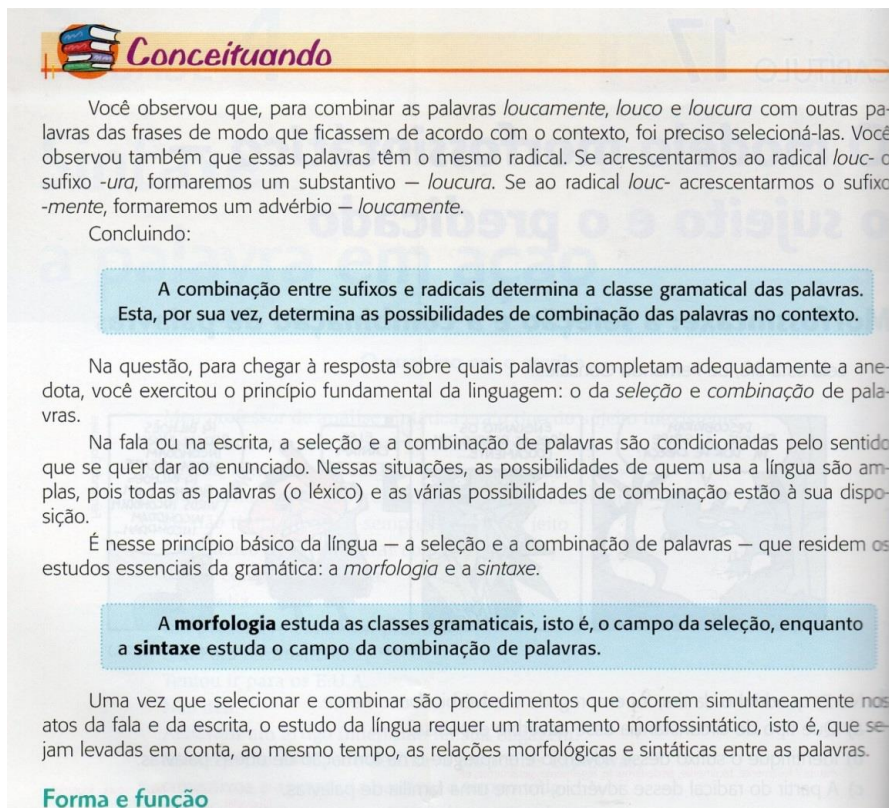
 - O que é que esse □ está fazendo aí no teto?
 - Ele pensa que é um lustre.
 - Permitir isso é uma □! Ele pode cair e se machucar! Por que não o tiram daí?
 - Mas, à noite, como é que a gente vai fazer para ler no escuro?
 - Uma ou outra das palavras suprimidas na anedota poderia ser *laçamente*? *nao*
 - De acordo com o contexto, que palavras da família do radical *laç-* podem completar adequadamente as lacunas da anedota? *laçoso, laçoso(a), laçoado(a)*
 - A que classe gramatical pertence cada uma dessas palavras: à dos substantivos, à dos adjetivos, à dos verbos ou à dos advérbios? *Antes pertencem à classe dos substantivos.*

223

Fonte: Cereja e Magalhães (2011, p. 223).

Podemos observar que na atividade proposta na abertura do capítulo, que trata da morfossintaxe, os autores já apontam para uma possível definição do que seja o assunto a ser estudado, haja vista o subtítulo: *Morfossintaxe: a seleção e a combinação das palavras*. Para isso, utilizam-se de um gênero discursivo bastante recorrente nas atividades didáticas, a tirinha, para introduzir o tema. Essa estratégia é considerada bastante viável, pois o tema não é apresentado de modo sistemático e fixo. Porém, é possível notar, a partir das questões propostas na atividade que o tratamento dado ao assunto se concentra mais na identificação e reconhecimento da forma e função da classe dos advérbios, enquanto os elementos constitutivos e interpretativos da tirinha não são abordados com tanta ênfase.

Em seguida, os autores da coleção apresentam as definições e a natureza gramatical do tema a ser estudado.



Conceituando

Você observou que, para combinar as palavras *loucamente*, *louco* e *loucura* com outras palavras das frases de modo que ficassem de acordo com o contexto, foi preciso selecioná-las. Você observou também que essas palavras têm o mesmo radical. Se acrescentarmos ao radical *louc-* o sufixo *-ura*, formaremos um substantivo — *loucura*. Se ao radical *louc-* acrescentarmos o sufixo *-mente*, formaremos um advérbio — *loucamente*.

Concluindo:

A combinação entre sufixos e radicais determina a classe gramatical das palavras. Esta, por sua vez, determina as possibilidades de combinação das palavras no contexto.

Na questão, para chegar à resposta sobre quais palavras completam adequadamente a anedota, você exercitou o princípio fundamental da linguagem: o da *seleção* e *combinação* de palavras.

Na fala ou na escrita, a seleção e a combinação de palavras são condicionadas pelo sentido que se quer dar ao enunciado. Nessas situações, as possibilidades de quem usa a língua são amplas, pois todas as palavras (o léxico) e as várias possibilidades de combinação estão à sua disposição.

É nesse princípio básico da língua — a seleção e a combinação de palavras — que residem os estudos essenciais da gramática: a *morfologia* e a *sintaxe*.

A morfologia estuda as classes gramaticais, isto é, o campo da seleção, enquanto a sintaxe estuda o campo da combinação de palavras.

Uma vez que selecionar e combinar são procedimentos que ocorrem simultaneamente nos atos da fala e da escrita, o estudo da língua requer um tratamento morfossintático, isto é, que sejam levadas em conta, ao mesmo tempo, as relações morfológicas e sintáticas entre as palavras.

Forma e função

Fonte: Cereja e Magalhães (2011, p. 224).

Nesse sentido, percebemos que existe uma preocupação, entre os autores de gramáticas e livros didáticos, em unir os estudos gramaticais, de modo mais produtivo.

Todavia, devemos levar em consideração que o estudo desses aspectos deve partir de situações reais de comunicação com as quais os alunos estejam familiarizados e que sejam protagonistas da construção desse conhecimento. Por isso, propomos uma abordagem dialógica dos aspectos morfossintáticos, a partir de produções textuais dos próprios alunos.

Abordagem dialógica dos aspectos morfossintáticos: das práticas de leitura e escrita à teoria

Para Riolfi (2014, p. 183), a atenção voltada para a leitura e produção de texto na sala da aula se dá “não somente para que sirvam como meios de aprender as regras da gramática normativa, mas também para que tanto uma como a outra sejam, sim, objetos próprios de ensino”.

Com base nessa perspectiva, apresentaremos a seguir uma proposta de trabalho com os aspectos morfossintáticos, a partir de trechos de textos produzidos pelos alunos do 7º ano, com a finalidade de abordar esses aspectos, mediante os possíveis equívocos presentes nas produções.

Texto I: A moça e o rapaz

Era uma vez uma menina muito bonita, **mais** um dia ela rezoveu cauvagar [...] saio **mais** quando ela cauvagava o seu cavalo se espantou **mais** derrepente um belo rapaz apareceu [...]

Aluna: M.L.S.G.

No trecho retirado do texto I, podemos verificar que há dificuldade da aluna em relação ao uso dos conectivos correspondentes à ideia que ela quer expressar. Neste caso, o uso do *mais* em vez de *mas*. Também verificamos algumas inadequações ortográficas que podem ser revisadas em outro momento pela aluna com o auxílio do professor.

Nesse sentido, Possenti (2011, p. 51) afirma que “por alguma razão pouco clara, nossa sociedade considera que erros de ortografia são algo muito grave”.

Entretanto, segundo esse mesmo autor os erros são bons guias para o conhecimento de aspectos da língua.

Neste trabalho, reservamo-nos a tratar dos “erros” de ortografia como inadequações ou equívocos, uma vez que nosso trabalho enfatiza prioritariamente aspectos morfosintáticos. Entretanto, na refacção dos textos esses possíveis equívocos também precisam ser abordados pelo professor, como exemplificado a seguir.

Texto II: A história de Maria

Maria morava em um sítio numa casinha pequena, junto dela **esta** suas filhas Manuela e Maiara [...]

[...] meus pais eram pobres, **ajudava como podia** [...]

[...] eu meus irmãos e minha mãe **faria** a casa e os tereiros e **fazia** a comida...

[...] nos **almoçava** juntos...

Aluno: A.P.V.L.

No trecho II, podemos levar o aluno a perceber as inadequações ocasionadas pelo uso da concordância dos verbos com o sujeito. O aluno precisa reconhecer a função do verbo nessa situação de produção, bem como sua natureza de concordância. Sobre esse aspecto, consideramos que esse fenômeno decorre, por vezes, do falar típico do aluno que passa a ser representado na escrita. Sobre isso, Campos (2014, p. 97) afirma:

Se eles falam “nós vai” ou “os menino chegô”, é porque este é o padrão estrutural de concordância seguido, na linguagem coloquial, pela maioria da população brasileira na interação informal, cotidiana.[...] Por essa razão, o professor deve constantemente tomar o cuidado de nunca considerar o falar diferente de todos ou de um de seus alunos como ERRO, compreendendo, sem preconceitos, que há muitas maneiras de conhecer e falar uma mesma língua, no nosso caso, o português.

É importante ressaltar que não somente a atitude do professor mas também a do aluno deve partir do princípio do respeito às diferenças, porém é indispensável apresentar ao aluno a variedade padrão exigida no contexto da produção para que o aluno revise seu texto com a finalidade de ajustá-lo à norma padrão.

Texto III: O gato e alargatixa

Em um belo dia de verão um gato, cujo o nome era roberto estava brincando com seu movelo de lám

- quando chegou a lola uma largatixa muito travessa ela desmanchou o movelo de lám, comprando um briga com o roberto, que ficou furioso e perseguiu ela por a casa toda, atrás de pegala para matala.

O rato que já tinha essa vaga ficou com raiva, e resouvel bolar um plano com o gato para pegar a danada da largatixa em feliz mente os planos não deram certo tentaram, tentaram, mais não conseguirão a largatixa era emvencível foi aí que disse o gato: dona largatixa, ne deixa em paz e vai embora a largatixa ficou trite com a espução, foi aí que o gato percebeu que eles podiam os três serem amigos.

Aluno: E.L.

Nesse texto, podemos observar que o aluno conseguiu desenvolver uma história com começo, meio e fim, envolvendo personagens que participam de uma pequena história. O aluno também demonstra que possui conhecimentos de adjetivação, haja vista o uso dos adjetivos que ele usou para caracterizar a largatixa: danada, travessa, invencível. E.L. também usou uma linguagem simples e compreensível, mostrando conhecer algumas expressões usuais da nossa língua como: “comprar uma briga”, “bolar um plano”.

Por isso, é necessário que o professor atente para esses elementos e não se detenha apenas na “correção” de possíveis “erros” ortográficos. Há de se considerar que um bom texto nem sempre é aquele que está dentro dos padrões da norma culta.

Antunes (2003, p. 116) corrobora essa ideia ao afirmar que “*um bom texto não é apenas um texto correto*, mas um texto bem encadeado, bem ordenado, claro, interessante e adequado aos objetivos e aos seus leitores”.

Uma sugestão para a refação do texto seria conduzir o aluno a refletir sobre seu próprio texto com base nas seguintes orientações do professor para o aperfeiçoamento da história, levando-o a reconhecer a ausência de algumas contextualizações como:

- O lugar onde ocorreu a história;

- Como Lola, a lagartixa, desmanchou o novelo de lã do gato Roberto? E por que ela fez isso?
- Por que o rato ficou com raiva? (não ficou claro quando você disse “...que já tinha essa vaga...”);
- Qual o plano que o gato e o rato bolaram para pegar a lagartixa? E por que não deu certo?
- O final da história não revela se realmente o gato e a lagartixa fizeram as pazes, você pode acrescentar essa informação.

Também podemos realizar uma reflexão e um estudo detalhado das formas de alguns verbos como: “resouvel”, “tentaram”, “conseguirão”, a fim de que o aluno situe sua história no tempo correspondente, atentando para a formação e emprego dos verbos, bem como uso de pronomes oblíquos em “pagala”, “matala”.

Essas atividades podem possibilitar uma aprendizagem mais reflexiva e produtiva para a vida do aluno, uma vez que, como diz Possenti (2011, p. 121):

É importante reiterar: se a atividade de escrita/reescrita for uma constante na escola, além do efeito positivo sobre a aprendizagem, a prática torna-se semelhante às práticas de escrita e edição como ocorrem na história. O que ajuda a deixar claro que escrever não é uma questão de “inspiração” (dos alunos/escritores/escreventes), mas um trabalho que se torna mais rentável se for realizado como complemento de leituras e debates.

Assim, apresentar aos alunos novas práticas de leitura e escrita que destaquem os aspectos morfosintáticos de modo mais dialógico, em suas próprias produções textuais, pode ajudá-los a encarar esses aspectos de forma mais útil para suas atividades escolares e sociais, tais como: capacidade de argumentação, coesão e coerência textuais, oralidade e adequação vocabular.

Considerações finais

Podemos afirmar, em suma, que o trabalho com aspectos morfosintáticos na perspectiva dialógica, revisando o texto em sala de aula, é de grande relevância para o processo de aprendizagem e para o desenvolvimento da autonomia do estudante, pois ele poderá aguçar o seu senso crítico, sobretudo no que diz respeito ao seu próprio texto, levando em consideração os temas relativos ao aperfeiçoamento da linguagem por meio dos aspectos gramaticais.

Não se pode negar a necessidade de se trabalhar sob uma perspectiva descritiva, pois, como afirmado anteriormente, os alunos precisam reconhecer e compreender as formas e funções da natureza gramatical e estrutural de sua língua. Entretanto, é preciso levar em conta um ensino mais produtivo da língua, que está vinculado ao conhecimento de como e por que cada classe gramatical atua na organização do texto, falado ou escrito, em situações socialmente inseridas de comunicação. É com base nesse ponto de vista que propusemos o estudo dos aspectos morfosintáticos, com vistas a ampliar o universo linguístico-discursivo dos alunos e desenvolver sua autoavaliação e criticidade sobre suas próprias produções.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino fundamental*. Brasília: MEC, 1998.

CAMPOS. Elísia Paixão de. *Por um novo ensino de gramática: orientações didáticas e sugestões de atividades*. Goiânia: Cênone, 2014.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Conecte: gramática reflexiva*. São Paulo: Saraiva, 2011.

FRANCHI, Carlos. *Mas o que é mesmo 'gramática'?*. São Paulo: Parábola, 2006.

KLEIMAN, Angela B.; SEPÚLVEDA, Cida. *Oficina de gramática: metalinguagem para principiantes*. Campinas: Pontes, 2014.

PERINI, Mario A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo, Ática, 1995.

POSSENTI, Sírio. *Questões de linguagem: passeio gramatical dirigido*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

RIOLFI, Cláudia *et al.* *Ensino de língua portuguesa*. São Paulo: Cengage Learning, 2014.

ROCHA, Lúcia Helena Peyroton; OLIVEIRA, Aline Moraes. Morfossintaxe: ensino a partir de gêneros textuais. *In: XIV CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA*, 04, 2010, Rio de Janeiro: Cifefil, 2010, v. 3, 20, p. 2864-2873. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_3/completo_tomo_3.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2017.